

## Berta Cáceres: a força que habita as águas

### Berta Cáceres: la fuerza que habita las aguas

 Stephane Alves de Albuquerque

**Resumo:** O presente trabalho é de caráter memorialístico e tem o objetivo de contribuir bibliograficamente com os estudos referentes à biografia da ambientalista e ativista Berta Cáceres (1971-2016), especificamente, sobre os impactos de sua trajetória na luta pelos direitos do povo lenca e contra o represamento do Río Gualcarque. O decorrer da escrita se dá com base em uma comparação entre elementos do percurso de um rio, símbolo de espiritualidade para os lenças, e a vida da ativista, com informações recolhidas de periódicos e organizações, e teóricos como Curiel (2017) e Gonzalez (2018) cujos estudos ajudam a compreender as relações entre a cosmovisão defendida por Berta Cáceres e sua postura feminista decolonial. Através deste trajeto pelas memórias deixadas pela ativista, o trabalho evidenciará como a existência de Berta Cáceres semeou várias iniciativas que são, na atualidade, instrumento de luta dos povos lenca e de Abya Yala em geral.

**Palavras-chave:** Berta Cáceres. Povo Lenca. Río. Abya Yala.

**Resumen:** El presente trabajo tiene un carácter memorialístico y su objetivo es contribuir bibliográficamente con los estudios referentes a la biografía de la ambientalista y activista Berta Cáceres (1971-2016), específicamente, sobre los impactos de su trayectoria en la lucha por los derechos de los pueblos lenca y contra el represamiento del Río Gualcarque. El curso de la escritura

---

Stephane Alves de Albuquerque. Mestra em Teoria da Literatura (UFPE);  
Email: [stephaneaalbuquerque@gmail.com](mailto:stephaneaalbuquerque@gmail.com)

de hace con base en una comparación entre los elementos del curso de un río, símbolo de la espiritualidad para los lenca, y la vida de la activista, con informaciones recogidas de periódicos y organizaciones, y teóricos como Curiel (2017) y Gonzalez (2018), cuyos estudios ayudan a comprender las relaciones entre la cosmovisión defendida por Berta Cáceres y su postura feminista decolonial. A través de este trayecto por las memorias dejadas por la activista, el trabajo evidenciará como la existencia de Berta Cáceres sembró varias iniciativas que son, actualmente, instrumentos de lucha del pueblo lenca y de Abya Yala en general.

**Palabras-clave:** Berta Cáceres. Pueblo Lenca. Río. Abya Yala.

## Introdução

A noite não adormecerá  
jamais nos olhos das fêmeas  
pois do nosso sangue-mulher  
de nosso líquido lembradiço  
em cada gota que jorra  
um fio invisível e tônico  
pacientemente cose a rede [...]  
(EVARISTO, 2017 p. 26)

**T**ierra Madura, Tierra Viva ou Tierra en Florecimiento: as três definições de Abya Yala (MALDONADO; ROMERO, 2016, p. 7) traduzem o tratamento dado a este território desde a perspectiva de diversas mulheres que contribuíram ativamente para a preservação e/ou retomada de tais imaginários do Continente Americano, como Berta Isabel Cáceres Flores, ambientalista ativista hondurenha, assassinada em 2016. A história de Berta Cáceres comprova o quanto este território é fértil na geração de mulheres obstinadas, dispostas ao exercício do plantio e da colheita de novas e outras perspectivas de vida, ainda

que lhes custe a morte. Por conseguinte, contar e documentar essa história é também contribuir com Abya Yala e suas referências, é tomar e partilhar a narrativa de quem foi e é imprescindível para esta terra.

Apesar de ela não utilizar o termo “decolonialidade”, toda a causa e a história dessa mulher o era, pois é nítida a sua compreensão de que os mais perversos males sociais dos povos indígenas são causados pela colonização e seus tentáculos, fator enraizado na cultura e nas instituições, como uma condição histórica formadora de “estruturas hierárquicas de opressão” (CURIEL, 2017, p. 208). E, essa construção é a mesma que submete povos indígenas, mestiços e afro-americanos a violências causadas pelos interesses do poder hegemônico eurocêntrico e capitalista. Além disso, a identidade indígena lenca de Berta Cáceres naturalmente se opunha ao modelo baseado na exploração de recursos naturais e de pessoas, devido à visão de que tanto pessoas como animais e o meio ambiente em geral são partes da mesma terra.

O propósito da luta de Berta Cáceres tinha como norte as “perspectivas do sul”, o que nos ajuda a compreender seu posicionamento contrário às opressões de gênero, classe e raça, características que fazem com que alguns grupos a entendam como feminista decolonial, ou seja, centrada nas várias realidades das mulheres de Abya Yala. Inclusive, Lélia Gonzalez (2018), na década de 1980, trazia para a reflexão a necessidade de um feminismo “afro-latino-americano”, ressaltando a importância de se considerar nas reflexões as indígenas, as de origem afro e mestiças, de maneira múltipla, influenciando a atual ideia de “Feminismos decoloniais” que, segundo Correal (2019, p. 3):

No son solo aquellos que contribuyen a las reflexiones del grupo modernidad-colonialidad, sino también a los que como parte de las epistemologías del sur, y habiendo surgido de las reflexiones de intelectuales y procesos organizativos y comunitarios indíge-

nas, afrodescendentes y feministas en Abya Yala, así como de otros movimientos sociales y expresiones políticas alternativas, han hecho acento en la necesidad de despatriarcalizar y descolonizar para avanzar en procesos de cambio social.

Tal ideia nos remete ao fato de o feminismo em América Latina, principalmente, não ser aquele que surge de um manifesto ou de uma cartilha, mas baseado na organização de mulheres enquanto sujeitos ativos politicamente, nas lutas pelos direitos, não apenas relacionados à ideia de gênero, mas ao ideal de bem viver de uma coletividade. O feminismo em Abya Yala é prático e não há possibilidade de movimento para o bem social se as reflexões não partirem das vivências locais.


Forjada pela cosmovisão de seu povo e, principalmente, de sua mãe, Berta Cáceres fazia da luta e da busca por direitos básicos uma cultura pela qual se vive e morre, e as batalhas travadas pela causa da preservação do Río Gualcarque, sagrado para o povo lenca, é uma das evidências disso. A água, portanto, é o elemento que traça a vida da ambientalista e, nesta tríade, Berta-água-memória, registramos a grande necessidade de cada vez mais se fazer ecoar sua existência. Neste trabalho, a biografia de Cáceres será contada em três seções, relacionadas às partes componentes de um rio: *Nascente*, *Leito* e *Foz*, nas quais, respectivamente, abordaremos as origens, a trajetória de lutas e o prematuro desaguar ou encantamento de Berta Cáceres, eternizando-se como guardiã das águas de Abya Yala.

## Nascente

Nascida em Honduras, no município de Intibucá, em 1971, Berta Isabel Cáceres Flores, uma indígena da etnia Lenca, foi criada por sua mãe María Austra Berta Flores cujas mãos de parteira e ofício de en-

fermeira influenciaram a filha nos caminhos da busca pelos direitos do bem-viver. Por meio de trechos de uma entrevista veiculada no site da Comissão Nacional de Direitos Humanos do México (CNDH), Berta Cáceres expressa: “Nunca hemos pedido caridad o migajas; es un derecho de las comunidades tener una escuela, una casa de sanación y justicia de las mujeres”. Uma grande defensora dos direitos humanos e ativista, Cáceres era coerente ideologicamente com a cosmovisão de seu povo no que concerne ao trato com a terra e a natureza em geral e, em destaque, o elemento água, ou seja, lutar pelas causas ambientais e pela sociedade são ações (senão sinônimas) complementares.

Os lenca, povo ao qual pertence Berta Cáceres, são os primeiros povos originários de Honduras e, atualmente, distribuem-se nas regiões de Lempira, La Paz e Intibucá, terra onde nasceu Cáceres, além de outros distritos em El Salvador. Ainda que não se tenham muitas informações historiográficas pré-colombianas desses povos, vale salientar que sua cosmovisão perpassa as gerações por meio de mecanismos da oralidade e partilha comunitária de saberes, como se pode observar no fotolivro *Lenca: una cultura con nombre de mujer*, de Andrea G. Mejía López (2019). Dentre essas poucas informações, no texto introdutório da obra, escrito por Javier Majuato (2019), o escritor traz à luz um documento escrito por Antônio Tordesillas, em 1730, no qual há relatos de uma resistência lenca liderada por um indígena chamado Lempira, que significa “Señor de la Sierra”, o qual conseguiu reunir todo o povo lenca com suas diversas etnias em prol da luta contra a conquista da América Central. Ou seja, o histórico da luta lenca perpassa os séculos. Além disso, vale salientar a importância que as mulheres têm na estruturação social dessas comunidades, já que são elas responsáveis pela criação dos filhos, pelas atividades agrícolas, como afirma Mejía López (2019, p. 64):



Las mujeres lencas desarrollan trabajos pesados con el fin de proveer sustento a sus hogares. Caminar es su modo de transporte por excelencia. Caminan durante largas horas y lo hacen con pesadas cargas sobre ellas. Ellas también están involucradas en el desarrollo de todas las actividades de agricultura y ganadería.

Observamos, então, que a imagem feminina descrita, de forma alguma, remete a um ideal de fragilidade. No entanto, assim como a realidade de mulheres de ascendência africana, influenciada pelos processos diaspóricos da escravidão, teremos uma cisão com o ideal de feminilidade cristão e europeu. Chamamos atenção aqui às distintas implicações nestas funções sociais atribuídas às mulheres pretas e indígenas. Por um lado, vemos nessa forma de vida, regada a muito trabalho e arrimo do sustento comunitário e familiar como uma herança ancestral, a força e a liderança feminina no serviço doméstico e no campo. Por outro, não podemos ignorar que o tratamento e a negação à mulheridade são mecanismos de opressão a mulheres negras e indígenas, que são despedidas de qualquer dignidade em nome de uma “aptidão natural” para o trabalho braçal. A linha tênue que divide a força e a necessidade de lutar atravessa as mulheres de Abya Yala de forma contundente e é importante trazermos essa reflexão para pensar a figura de Berta Cáceres.

Além disso, devemos enfatizar a semente de valentia que as mais velhas do povo lenca lançaram sobre a terra fértil que é Berta Cáceres e que sua grande fonte de aprendizado foi sua mãe. La Mamá Berta, como é conhecida, pariu doze filhos, foi professora, parteira, deputada, prefeita, mulher e indígena em um contexto patriarcal, ou seja, uma grande precursora do que foi sua filha. Em uma entrevista cedida ao *El país* (2017), umas das filhas de Berta, Olívia Zúñiga, faz as seguintes afirmações sobre sua avó: “Mi mami nos enseñó a reconocer y valorar

la valentía de nuestras abuelas, especialmente de Mamá Berta. Es la base de nuestra vida”. No entanto, Austra Bertha Flores, conheceu as dores do que é estar na posição de mãe e líder indígena em uma luta contra os ideais enraizados da colonização e somada a uma cultura de subjugamento às mulheres, muitas vezes, característica de alguns povos originários. A própria Berta Cáceres disse ser este o maior problema da luta:

No es fácil ser mujer dirigiendo procesos de resistencias indígenas. En una sociedad increíblemente patriarcal las mujeres estamos muy expuestas, tenemos que enfrentar circunstancias de mucho riesgo, campañas machistas y misóginas. Esto es una de las cosas que más puede pesar para abandonar la lucha, no tanto la transnacional sino la agresión machista por todos lados<sup>1</sup>.

No entanto, essas questões tão presentes no cotidiano de Cáceres não impediram os afluentes e os caminhos que o trabalho da ativista proporcionou a várias comunidades hondurenhas.

### Leito: um caminho de águas entre rochedos e margens

A militância de Berta de Cáceres se deu em vários momentos de sua vida e se institucionalizou com a criação do Conselho Cívico de Organizações Populares e Indígenas de Honduras (COPINH), um movimento popular de base comunitária em Intibucá que visava à defesa do meio ambiente e o resgate da cultura Lenca, além de um movimento de luta contra as violências do patriarcado. Berta Cáceres, em suas conversas com Claudia Korol, as quais resultaram em um livro chama-

---

1. Disponível em: Berta Cáceres acceptance speech, 2015 Goldman Prize ceremony - YouTube. Acesso em: 15 ago. 2022.

do *Las revoluciones de Berta* (2018), relata as seguintes informações sobre a organização:

No começo do COPINH, nós não pensávamos em feminismos. Mas o que sempre esteve evidente para as companheiras é que tínhamos que lutar pelos direitos das mulheres por nós mesmas. Começamos a perceber que as mulheres do COPINH estavam participando das grandes discussões nacionais com os presidentes, com os conselhos de ministros, nos comitês de segurança, como auxiliares da prefeitura nas comunidades, que nós éramos as primeiras nas ocupações das indústrias exploradoras. Tinha muita força das mulheres indígenas. Isso possibilitou que, junto com algumas organizações feministas que têm um pensamento mais popular, nos aproximássemos e coordenássemos ações, por exemplo, para exigir a punição de estupradores e agressores de mulheres (CÁCERES *apud* CAPIRE, 2022).

Tal relato nos faz entender o porquê de Ochi Curiel (S/A) intitular Berta Cáceres como praticante do feminismo decolonial. As vivências das mulheres indígenas vinculadas ao COPINH fizeram da organização um lugar de partilha, bem-estar e justiça, tanto na relação dessas mulheres com as violências de gênero quanto na luta contra as violências racistas e genocidas do estado hondurenho.

Berta Cáceres fundou em 1993 o COPINH juntamente a companheiras e companheiros com o objetivo de defender territórios indígenas. Durante a trajetória de Cáceres, foram inúmeras lutas contra mineradoras, empresas nacionais e internacionais, mas foi a construção da hidrelétrica do projeto Agua Zarca uma de suas batalhas mais ferrenhas. Inicialmente, a obra seria executada pela Sinohydro empresa chinesa, que não resistiu às pressões das manifestações lideradas por Cáceres e outras lideranças indígenas.



Posteriormente, a empresa hondurenha DESA (Desarrollos Energéticos Sociedad Anónima), assume o projeto da Agua Zarca, cujo objetivo é desviar o leito do Río Gualcarque, considerado sagrado, localizado em território lenca, sem que houvesse qualquer consulta ao povo ou sua liderança, fato que aqueceu e exigiu ainda mais medidas de organização e resistência, uma causa de vida ou morte, longe de qualquer hipérbole. E foi com essa luta que Berta Cáceres se consagrou com força no cenário ambiental mundial.

Foi justamente pela defesa desse rio que foram realizados vários atos liderados por Berta, os quais foram extremamente incômodos para os projetos da Desa, principalmente os protestos do dia 15 de julho de 2013. Organizados, os indígenas lenca tomaram as margens do rio com suas próprias existências.

De acordo com investigações feitas, enquanto essas ações em prol dos direitos indígenas e Río Gualcarque aconteciam, os interesses privados da Desa, com a influente família Atala Zablah estavam articulando uma maneira de calar a voz do COPINH, evidenciada pela ativista, como bem mostra a reportagem do *The Intercept Brasil* (2019). Houve um plano nefasto para que em 2 de março de 2016 Berta Cáceres fosse assassinada. Dois dias após seu aniversário de 44 anos, 6 dias antes do Dia Internacional da Mulher, um ano após ela receber o maior prêmio da categoria de ambientalistas, o chamado “Nobel Verde” *Goldman Environmental Prize*. Tal prêmio não só serviu de reconhecimento como também fez ecoar as vozes que Berta Cáceres carregava, desde o legado de sua mãe até a sabedoria e a cultura do seu povo, que belamente transparecem no seu discurso de recebimento do prêmio.

Seguindo o percurso do rio de origens ligadas à ambientalista, salientamos a importância da água para a tradição lenca, pois não só está relacionada à questão espiritual, mas também a um fator de subsis-

tência, já que essas comunidades lenca hondurenhas são majoritariamente agrícolas. Vê-se no símbolo da natureza o começo da vida, como aponta Berta Cáceres (2015) na cerimônia do prêmio Goldman:

En nuestras Cosmovisiones somos seres surgidos de la tierra, el agua y el maíz. De los ríos somos custodios ancestrales el pueblo Lenca, resguardados además por los espíritus que nos enseñan que dar la vida de múltiples formas, por la defensa de los ríos es dar la vida para el bien de la humanidad y de este planeta<sup>2</sup>.

Destacamos neste discurso o elemento água no que diz respeito à interdependência do povo lenca, pois, ao passo que os rios dão a vida, eles também são colocados no lugar do cuidado, seus filhos são seus protetores, assim como os espíritos. Além disso, o fluxo vida-morte anda lado a lado no curso do rio, que recompensa os que dão a vida por ele, uma visão cíclica extremamente comum aos originários de Abya Yala. O Rio Gualcarque foi o grande protagonista deste chamado. “El Río Gualcarque nos ha llamado, así como los demás que están seriamente amenazados en todo el mundo. Debemos acudir”<sup>3</sup>. Portanto, a causa de Berta Cáceres vai além de um compromisso político-ideológico, é também uma missão espiritual.

Percebemos isso de maneira mais latente quando observamos em registros audiovisuais, no próprio texto lido por ela, entre outras fontes, que a morte sempre foi anunciada, não pelo medo, mas pela análise dos fatos. Em 3 anos a ativista já havia perdido três companheiros.

---

2. Disponível em: Berta Cáceres acceptance speech, 2015 Goldman Prize ceremony - YouTube. Acesso em: 15 ago. 2022.

3. Idem.

## Foz: Berta Cáceres o rio que deságua e cresce

Segundo a cosmovisão lenca, nós, seres humanos, temos direito a usufruir da água, no entanto, devemos retribuir às divindades por meio da gratidão e do cuidado com o bem natural. Caso isso não ocorra, estaremos sujeitos a castigos tanto pessoais quanto coletivos, desde enfermidades até problemas relacionados às atividades agrícolas como o plantio e a colheita. Berta Cáceres acolheu e aceitou conscientemente seu papel de guardião das águas, e se fez rio nessa confluência.

O sangue, não só dela, como de outras guardiãs e guardiões dos rios de Honduras continuam regando a esperança e o legado de outras gerações.

O COPINH continua como organização de base e defesa do meio ambiente, da cultura e melhoria de vida das populações indígenas lenca, promovendo espaços de luta, acolhimento e continuidade ao desejo de Berta Cáceres. A instituição tem lutado incansavelmente pela preservação dos rios, contra atividades extrativistas em território lenca, entre outras ações. Além disso, a luta pela responsabilização dos culpados pelo assassinato de Cáceres é uma constante, como podemos acompanhar na página do COPINH, por meio de atividades que informam sobre os passos do processo, ademais de denúncias de irregularidades e novas investidas da Desa e outras empresas envolvidas.

A organização também dá continuidade à luta antipatriarcal e antirracista de Cáceres com a criação do Acampamento Feminista “Viva Berta”, realizado em 2021 em frente à Corte Suprema de Justiça, por noventa dias, como forma de manifesto durante o processo de julgamento de Roberto David Castillo, coautor do assassinato da ativista. Com o lema “Hasta que acampe la justicia”, mulheres e homens vinculados ao COPINH além da Red Nacional de Defensoras de Derechos Humanos

(RNDDH), e a Organização Fraternal Negra Hondurenha (OFRANEH), estiveram acampados, fortalecendo uma rede de apoio e solidariedade, demonstrando a força e a resistência de quem segue a ideologia semeada e regada por Berta Cáceres. Por meio do pronunciamento das acampantes podemos observar que “Berta não morreu, se multiplicou”:

Como lo hizo Berta Cáceres, amiga de la palabra común, el campamento ha sido el espacio de muchos encuentros y no pocas dificultades; el sitio donde se puede probar si es que de verdad estamos dispuestas y atentas a vivir otro país posible donde tengamos que estar cerca y conocernos con respeto y diálogo. Nunca más la Corte será sólo un lugar para la corrupción, la trampa porque aquí no sólo vienen la gente del pueblo a buscar justicia y pocas veces encontrarla; pero ahora la huella profunda de este tiempo vivido con tanta intensidad, alegría, cansancio y fuerza quedará para la historia nuestra (COPINH, 2021).

Apesar das dificuldades, mas com muito ânimo, as acampantes têm consciência de que estão impactando as estruturas de governo, continuando o legado de Berta Cáceres na sua maneira mais genuína: a luta.

Além do reflexo na luta de suas companheiras e companheiros, a guardiã das águas de Abya Yala cultivou o amor e o respeito à terra em suas filhas que, de certa forma, deram continuidade aos projetos e ações de Cáceres como se ela nunca tivesse partido. Através do depoimento de uma de suas filhas, Laura Zúñiga Cáceres, dado ao periódico *El País CR* (2018) percebemos que as sementes continuam brotando e frutificando o zelo pelas tradições deixadas pelas mais velhas de sua família:

De mi mami, de mi abuela, aprendí a crear los mecanismos que hoy me permiten a mí tener la posibilidad de elegir mi camino, de lo que quiero en la vida. Las mujeres defensoras de la tierra tenemos una resistencia, una capacidad de construir y tejer des-

de otro lugar que nos da mucha sabiduría y que nos apega a la Madre Tierra (ZÚÑIGA, 2018).

O mais interessante é perceber que o legado deixado por Berta Cáceres a suas filhas não se restringe ao movimento de olhar atrás, mas de impulsionar a vida e as possibilidades sem perder a direção do sul. Atualmente, são vários os meios influenciados pela vida de Berta Cáceres, livros dedicados à sua memória, poemas, reportagens, opiniões. O COPINH permanece vivo e atuante, sentindo falta de Cáceres, mas celebrando sua memória sempre. Em sua antiga casa lhe fizeram um altar, e em todas as datas que viabilizam homenagens, essas são feitas com cores, flores e celebração à água. Os pedidos por justiça ainda persistem, os intelectuais seguem soltos, mas a luta não para.

Em 2021, Honduras elegeu, pela primeira vez, uma mulher para a presidência, Xiomara Castro e sua vitória é considerada um marco contra o golpe de Estado contra José Manuel Zelaya em 2009. Durante a posse de Xiomara Castro, Berthita Cáceres Zúniga, atual coordenadora do COPINH e filha de Berta, entregou à presidenta a *Vara Alta Lenca*, símbolo de reconhecimento, respeito e autoridade, mas também para reafirmar o compromisso com a organização e o pedido de justiça por Berta Cáceres (MARCHA, 2022). Assim, mesmo em contexto de muita injustiça, a luta para que Cáceres não seja apagada alcança cada vez mais esferas.

Sem dúvida, a “Tierra en florecimiento” hoje floresce também pelas sementes plantadas por Berta Isabel Flores que, apesar de ter tido sua vida interrompida neste plano, continua sendo a força das águas que levam todos os que a admiram e a conhecem à frente. “Caminando y dibujando el camino” de Abya Yala (CALLE 13<sup>4</sup>).

---

4. Disponível em: Latinoamérica (part. Totó La Momposina, Susana Baca y Maria Rita) (tradução) - Calle 13 - LETRAS.MUS.BR. Acesso em: 15 jul. 2022.

## Considerações finais

Por meio deste trabalho, pudemos reunir uma gama de informações que contribuem para o fortalecimento das memórias de Berta Cáceres. Percebemos que o conhecimento e a análise da história da ambientalista são extremamente importantes para pensar as epistemologias de Abya Yala. Metaforicamente associada ao percurso de um rio, a vida de Berta Cáceres é, na sua nascente, sinônimo de respeito à ancestralidade dos povos lenca, refletida na luta pela proteção do Rio Gualcarque em Honduras, o que lhe rendeu o prêmio Goldman (2015). Além disso, por meio de breves reflexões como as de Ochy Curiel (2021), Lélia Gonzalez (2018) e outras pensadoras de Abya Yala, além da estruturação do próprio COPINH, entendemos Cáceres como uma feminista decolonial, atuante pelas mulheres negras e indígenas e contra todas as formas de exploração colonial. Guiada pelos caminhos das águas, genuinamente fiel a seu chamado de guardiã, Berta Cáceres, mesmo após a sua morte, continuou desaguando e servindo de referência para a resistência popular indígena, para suas filhas, que continuam na luta pela preservação ambiental e bem viver das comunidades lenca e para Abya Yala em geral, cujo imaginário é reafirmado e (re)construído pela existência de mulheres como Berta Cáceres.

## Referências

CÁCERES, B. *Discurso Prêmio Ambiental Goldman*. 2015. Disponível em: <http://www.rel-uita.org/archivo/index.php/es/bertha-caceres/item/7422-discurso-de-bertha-caceres-al-recibir-el-premio-ambiental-goldman-2015>. Acesso em: 5 jul. 2022.

CME ESPAÑA. *Tres años sin Berta Cáceres, la palabra que vive al replicarse*. 2019. Disponível em: <https://cme-espana.org/2019/03/02/tres-anos-sin-bertha-caceres-la-palabra-que-vive-al-replicarse/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

CNDH. *Berta Cáceres Líder indígena hondureña, feminista y activista defensora del medio ambiente*. Disponível em: <https://www.cndh.org.mx/noticia/bertha-caceres-lider-indigena-hondurena-feminista-y-activista-defensora-del-medio-ambiente>. Acesso em: 4 jul. 2022.

COPINH. *Hasta que acampe la justicia: pronunciamiento del campamento feminista Viva Berta*. 2021. Disponível em: <https://copinh.org/2021/07/hasta-que-acampe-la-justicia-pronunciamiento-del-campamento-feminista-viva-bertha/>. Acesso em: 5 jan.2023.

CURIEL, O. *Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde América Latina y el Caribe*, 2009. Disponível em: [http://www.feministas.org/IMG/pdf/Ochy\\_Curiel.pdf](http://www.feministas.org/IMG/pdf/Ochy_Curiel.pdf). Acesso em: 12 out. 2022.

CURIEL, O. *Berta Cáceres y el feminismo decolonial*. LASA- Latin American Studies Association. MG, v. 50, n. 4, p. 64-9, set. 2021. Disponível em: <https://forum.lasaweb.org/files/vol50-issue4/Huellas-Inspiradoras.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2022.

GONZALEZ, L. *Primavera para rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: Editora Filhos de África, 2018.

LAFUENTE, J. *La lucha contra el olvido de las mujeres de Berta Cáceres*. El País. 2017. Disponível em: [https://elpais.com/internacional/2017/11/09/america/1510235803\\_537959.html#?rel=mas](https://elpais.com/internacional/2017/11/09/america/1510235803_537959.html#?rel=mas). Acesso em: 5 ago. 2022.

MACÍAS. B. *Laura Zuñiga: Ser la hija de Berta Cáceres es compromiso y oportunidad*. El País CR. 2018. Disponível em: <https://www.elpais.cr/2018/12/08/laura-zuniga-ser-la-hija-de-berta-caceres-es-compromiso-y-oportunidad/>. Acesso em: 4 jan. 2023.

MALDONADO. B ROMERO. *Abya Yala Wawgeykuna: Artes, saberes y vivencias de indígenas americanos*. 2017. Disponível em: <https://crespial.org/wp-content/uploads/2019/09/Abya-Yala-Wawgeykuna-Artes-saberes-y-vivencias-de-indigenas-americanos.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2022.

MARCHA.ORG. *Berta Cáceres: “Nós, mulheres, indígenas e negras, temos um século de resistência”*. 2022. Disponível em: <https://marcha.org.ar/berta-caceres-nos-mulheres-indigenas-e-negras-temos-um-seculo-de-resistencia/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MAYKER, D.; EISNER, C. *Os bastidores do plano para assassinar a ativista ambiental hondurenha Berta Cáceres*. 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/12/21/plano-assassinar-ativista-berta-caceres-honduras/>. Acesso em: 4 jan. 2023.

MEJÍA LÓPEZ. Lenca, Geólogos del Mundo (org). *Lenca: una cultura tejida por manos de mujer*. 2019. Disponível em: <http://www.xeologosdelmundo.org/wp-content/uploads/2015/01/LENCA-libro.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2023.

UNAH. *¿Qué significa el agua para los pueblos lencas?* 2021. Disponível em: <https://presencia.unah.edu.hn/noticias/que-significa-el-agua-para-los-pueblos-lencas>. Acesso em: 4 jan. 2023.

Recebido em: 06/07/2023

Aprovado em: 27/11/2023

Licenciado por

